

DF-Saúde

JORNAL DE BRASÍLIA

Caso de polícia?

- 8 AGO 1986

A medicina em Brasília terá se transformado em caso de polícia? Um fato diverso parece indicar que sim. As queixas dos cidadãos sobre a má qualidade dos serviços médicos locais são conhecidas. Não seria demais lembrar que muitos dizem que o melhor tratamento da saúde dos entes queridos é obtida através da ponte aérea. Não foi sempre assim.

No passado, apesar da juventude da cidade, este passado parece distante. Brasília parecia oferecer aos seus cidadãos um tratamento médico de vanguarda em relação ao resto do País.

Hoje a situação é bem diversa. A ilustração mais recente da situação dominante vem de um caso concreto em que um pai, legitimamente preocupado com a saúde de seu filho, apela para a polícia para exigir que seu filho seja tratado. É indubitavelmente grave, é de se colocar questões sobre a confiança que nossos serviços médicos estão merecendo dos cidadãos da cidade.

Uma criança deveria ser operada de adenóide desde os princípios de março. Sem explicações, talvez devido às greves, tal intervenção foi adiada. O pai da criança vem de fazer apelo a um delegado para que seu filho seja tratado. É aberrante que um serviço destinado a ações bem diferenciadas seja chamado a intervir num assunto clínico. Muitos cidadãos que tiveram seus entes queridos sacrificados pela incompetência do sistema de saúde existente entre nós se solidarizam com este pai desesperado. Não é possível que uma profissão, nobilitada no

passado, seja levada a uma situação de suspeita de crime.

A verdade é que um sistema político autoritário passou a considerar o cidadão, a população em geral, como meros instrumentos ligados a um processo de crescimento econômico. Menosprezava a vida humana e só via os resultados macroeconômicos registrados por indicadores hoje colocados em dúvida. Muitos cidadãos se adaptaram a esta mecânica e passaram a agir em função destes elementos. Nossa classe médica de Brasília teria assimilado estes valores. Seria simplista se afirmar que sim. Seria irresponsável não se pensar que parcialmente tal aconteceu.

A massificação do atendimento médico foi positiva não há dúvidas. Ela rompeu, entretanto, com um vínculo de responsabilidade entre o clínico e seu paciente. Tratar uma pessoa como «um mero» caso não é digno nem humano.

Alegar que o sistema médico e sanitário do DF foi abandonado pelas autoridades é quase que tautológico. Daí querer eximir os profissionais da saúde de suas responsabilidades é imoral. Quando um médico recusa assistência a um paciente sob o pretexto de que teria um grande jogo a assistir, de que teria um churrasco a participar é imoral e inaceitável. Não se pode pedir aos médicos que sejam cúmplices da morte da mesma maneira que não se pode aceitar que a polícia se associe ao banditismo. A luta pelo aprimoramento da sociedade passa, necessariamente, pela tomada de consciência de seus cidadãos das responsabilidades que lhes foram atribuídas e livremente aceitas.